



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS (IFTO) – CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

POLIANA COUTINHO CAMPOS DA SILVEIRA

**O GÊNERO TEXTUAL CHARGE: UM OLHAR A PARTIR DA AMBIGUIDADE,
POLISSEMIA E HOMONÍMIA**

**Palmas – TO
2019**

POLIANA COUTINHO CAMPOS DA SILVEIRA

**O GÊNERO TEXTUAL CHARGE: UM OLHAR A PARTIR DA AMBIGUIDADE,
POLISSEMIA E HOMONÍMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Tocantins - Campus Palmas com habilitação Letras/Língua Portuguesa.

Professora Orientadora: Prof. Dr^a. Ana Lourdes Cardoso Dias.

**Palmas – TO
2019**

Silveira, Poliana Coutinho Campos da.
O gênero textual charge: um olhar a partir da ambiguidade, polissemia e homonímia / Poliana Coutinho Campos da Silveira – Palmas/TO, 2019.
51 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras/Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Palmas, 2019.

Orientadora: Prof. Dr^a Ana Lourdes Cardoso Dias.

1. Processos Semânticos. 2. Charge. 3. Contexto. I. Título

Aos meus pais Belton Coelho da Silveira e
Sizesnanda Coutinho da Silveira e minhas
irmãs Reyjane Campos da Silveira e
Karlyandra Campos da Silveira.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a força motriz dessa longa caminhada em todos os momentos. E por permitir que tudo ocorresse conforme a sua vontade.

Aos meus pais por serem minha fonte de incentivo diário. Por me fornecerem tudo aquilo que eu precisava: amor, carinho, paciência, inspiração. E por acreditarem que é possível ser uma pessoa e uma profissional brilhante.

Às minhas irmãs, motivo diário de inspiração. Por serem exemplo de garra, força, coragem. Por me compreender e ajudar nos momentos em que tudo parecia não valer mais a pena. Pelos planos e sorrisos de todos os dias. Pela motivação de sempre.

A minha amiga Andressa, pelos momentos de infinitas conversas. Pela motivação. Por acreditar em mim, mesmo nos momentos mais difíceis. E por ter sido compreensível com a minha impaciência.

Às minhas amigas Marlene e Eula por terem sido pacientes, cordiais e compreensíveis durante todo o Curso. Por compartilharem os momentos de felicidade e por me ajudarem nos momentos difíceis.

Às minhas tias Angélica Campos, Luzia Coelho, Tereza Coelho e tio Carlos e por me atenderem em todos os momentos em que precisei e por serem ombro amigo.

À minha vó e vô por sempre se lembrar de mim e orar por mim mesmo distante.

Às minhas amigas Joesandra Carla, Vida Kamila, Nathallya e amigo Arthur por acreditarem em mim.

A minha orientadora, Prof. Dr^a Ana Lourdes Cardoso Dias, pela paciência, cuidado e atenção.

A Prof^a Dr^a Mirelle da Silva Freitas e a Prof^a Dr^a Kyldes Batista Vicente por aceitarem de forma solícita a constituírem minha banca.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Letras que me ensinaram o ofício de ser professor e de aprender a enfrentar os desafios cotidianos. Pelo exemplo de conhecimento, de profissionalismo, de amor e respeito.

Aos professores de outros Cursos em que tive o imenso prazer de conhecê-los.

Aos colegas de trabalho que confiaram em mim, principalmente às Professoras Denise e Lourdes.

A todos àqueles que de alguma forma acreditaram em mim e contribuíram.

*“O tempo altera todas as coisas; não há razão para que
a língua escape a esta lei universal”.*

Ferdinand de Saussure

RESUMO

O presente estudo parte da problemática de como os estudos da ambiguidade, polissemia e homonímia podem contribuir para a resolução de problemas relacionados a compreensão dos sentidos produzidos pelo gênero textual charge. Partindo dessa premissa, baseou-se na análise de 19 charges retiradas de diversos sítios da internet. Para tanto, o objetivo geral foi estudar os processos semânticos de ambiguidade, polissemia e homonímia como fenômenos da Língua Portuguesa a fim de descrevê-los, analisá-los e interpretá-los semântica e linguisticamente. Mais especificamente, pautou-se em descrever palavras que apresentam ambiguidade, polissemia e homonímia na charge e analisá-la no gênero textual em questão. Nessa perspectiva, esta pesquisa é de caráter qualitativo, de natureza básica, exploratória e explicativa. Como metodologia, em relação à ambiguidade, foram investigadas as suas classificações nas charges. Em relação à polissemia, foi abordada as categorias mudanças de aplicação, especialização em um meio social e linguagem figurada. No que diz respeito à homonímia, apropriou-se das classificações de homônimos homófonos, homógrafos e perfeitos. Além disso, o principal instrumento para a identificação e diferenciação dos processos semânticos supracitados foi baseado em conceitos de Houaiss (2001) e Ferreira (2010). Para tanto, os aportes teóricos utilizados foram Borba (2005), Câmara Jr. (1984), Cançado (2008, 2012), Ferreira (2010), Guiraud (1986) Marcuschi (1946), Sacconi (1986), Ullmann (1964), dentre outros autores. Como resultado, constatou-se que os processos semânticos são utilizados pelos chargistas de forma intencional, uma vez que o humor e crítica só se concretizam com a percepção do contexto. Além disso, notou-se que os processos de ambiguidade, polissemia e homonímia são necessários para que se possa compreender o sentido produzido pela charge.

Palavras-chave: Processos semânticos. Contexto. Charge.

ABSTRACT

The present study is part of the problematic of how the studies of the ambiguity, polysemy and homonymy can contribute to the resolution of problems related to the comprehension of the senses produced by the genre textual charge. Based on this premise, it was based on the analysis of 19 cartoons taken from various websites. For this, the general objective was to study the semantic processes of ambiguity, polysemy and homonymy as phenomena of the Portuguese Language in order to describe, analyze and interpret them semantically and linguistically. More specifically, it was based on describing words that present ambiguity, polysemy and homonymy in the cartoon and analyze it in the textual genre in question. From this perspective, this research is of qualitative character, of basic nature, exploratory and explanatory purpose. As a methodology, in relation to ambiguity, their classifications in cartoons were investigated. In relation to polysemy, the categories were discussed changes of application, specialization in a social environment and figurative language. With regard to homonymy, it appropriated the homophones, homographs, and perfect classifications of homonyms. In addition, the main instrument for the identification and differentiation of the aforementioned semantic processes was based on the concepts of Houaiss (2001) and Ferreira (2010). The theoretical contributions used were Borba (2005), Cançado (2008, 2012), Ferreira (2010), Guiraud (1986) Marcuschi (1946), Sacconi (1986), Ullmann (1964) , among other authors. As a result, it was found that semantic processes are used by the designers in an intentional way, since humor and criticism only materialize with the perception of the context. In addition, it was noted that the processes of ambiguity, polysemy and homonymy are necessary in order to understand the meaning produced by the charge.

Keywords: Semantic processes. Context. Cartoon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Charge 1.....	34
FIGURA 2 – Charge 2.....	35
FIGURA 3 – Charge 3.....	36
FIGURA 4 – Charge 4.....	36
FIGURA 5 – Charge 5.....	37
FIGURA 6 – Charge 6.....	38
FIGURA 7 – Charge 7.....	39
FIGURA 8 – Charge 8.....	40
FIGURA 9 – Charge 9.....	40
FIGURA 10 – Charge 10.....	41
FIGURA 11 – Charge 11.....	42
FIGURA 12 – Charge 12.....	43
FIGURA 13 – Charge 13.....	43
FIGURA 14 – Charge 14.....	45
FIGURA 15 – Charge 15.....	45
FIGURA 16 – Charge 16.....	46
FIGURA 17 – Charge 17.....	47
FIGURA 18 – Charge 18.....	47
FIGURA 19 – Charge 19.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1. CONSIDERAÇÕES SEMÂNTICAS	14
1.1 Breve histórico sobre a semântica	14
1.2 Significação e mudança de sentidos	15
1.2.1 As mudanças de sentido	16
1.3 processos semânticos: ambiguidade, polissemia e homonímia.....	19
1.3.1 Ambiguidade	19
1.3.2 Polissemia.....	22
1.3.3 Homonímia	27
2 CAPÍTULO 2. GÊNEROS TEXTUAIS: CHARGE	29
2.1 Conceituando Gêneros Textuais	06
2.2 Charge e contexto	29
CAPÍTULO 3. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	31
CAPÍTULO 4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	33
4.1 Polissemia	33
4.2 Homonímia	39
4.3 Ambiguidade	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade analisar os processos de ambiguidade, polissemia e homonímia presentes em charges, bem como a relação desses processos com o contexto de produção do gênero. O corpus, constituído por dezenove charges, foi retirado em diversos sítios da internet. Nessa perspectiva, entende-se que este estudo trata de processos semânticos, uma vez que leva em consideração a significação e o sentido das palavras.

Por conseguinte, pretende-se aprofundar estudos nesta área da semântica ainda pouco explorada, assim como observar a capacidade de criação de novas palavras e, de sua consequente ressignificação diante da sociedade, levando-se em consideração os momentos sociais, políticos e culturais. Além da consciência social acerca de problemas inerentes ao cotidiano da sociedade.

Assim, questiona: os estudos da ambiguidade, polissemia e homonímia podem contribuir para a resolução de problemas relacionados à interpretação do gênero textual charge? Qual é a relevância de se compreender esses processos na construção de gêneros textuais? Nesse seguimento, esses foram os questionamentos que nortearam todo o trabalho.

O objetivo geral consiste em estudar os processos semânticos de ambiguidade, polissemia e homonímia como fenômenos da Língua Portuguesa a fim de descrevê-los, analisá-los e interpretá-los semântica e linguisticamente. Os objetivos específicos resumem-se em descrever palavras que apresentam esses processos semânticos na charge; Analisar o uso de palavras ambíguas, polissêmicas e homonímicas na construção de enunciados presentes na linguagem do gênero textual em questão; explicitar a importância da contextualização da frase para a compreensão de sentidos.

Este trabalho foi proposto à medida que se observa a dificuldade de compreensão de textos concernentes aos sentidos por parte de leitores, no geral, dos mais variados níveis de ensino. Justifica-se no propósito de ampliar os estudos semânticos voltados para a ambiguidade, polissemia e homonímia nos gêneros discursivos, incentivando aprofundamentos no que diz respeito à exploração de significados. Desse modo, almeja levar os interlocutores a refletirem que um texto não é formado apenas por um enunciado e que este é dependente do contexto histórico-social a qual faz parte.

Fez-se necessário explicitar que, ao decorrer do tempo, as palavras se inovam, formam novos sentidos atribuídos pelos diversos grupos sociais e épocas. E, esses novos sentidos, gradualmente, tornam-se inerentes ao vocabulário geral da língua. Por isso, nem

sempre uma mesma palavra denota um único sentido, podendo haver variações de acordo com o contexto no qual está inserida.

Esta pesquisa torna-se importante porque promove estudos referentes à linguagem, e esta envolve o ser humano na história. Para tanto, estudos referentes ao homem e a linguagem contribuem para melhorias comunicativas e interpretativas, proporcionando resultados relevantes para que sejam revistas ou melhor compreendidas as formas pelas quais atribuímos sentidos às coisas que nos rodeiam.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro aborda a contextualização teórica que é subdividida nas seguintes seções: breve histórico sobre a semântica, a significação e a mudança de sentidos, processo semântico, as mudanças de sentido, processos semânticos: ambiguidade, polissemia e homonímia. O segundo capítulo intitulado “Gêneros textuais: charge” apresenta as seguintes seções: Conceituando Gêneros Textuais, Charge e Contexto. O terceiro capítulo refere-se aos procedimentos teórico-metodológicos e o quarto a descrição e análise dos dados que foi dividido em: ambiguidade, polissemia e homonímia. Além dos quatro capítulos, o trabalho contém ainda as considerações finais e as referências.

CAPÍTULO 1. CONSIDERAÇÕES SEMÂNTICAS

Neste capítulo, apresenta-se a base teórica deste trabalho que está fundamentada nos conceitos gerais de semântica segundo Guiraud (1986), Cançado (2008, 2012) e Ullmann (1964). Enfoca-se nos estudos da Semântica e enfatiza-se a ambiguidade provocada pela homonímia e polissemia conforme Borba (2005), Camara Jr. (1984), Ferreira (2010), Sacconi (1986), Houaiss (2001), dentre outros que tratam dos processos semânticos. Para isso, utilizará o gênero textual charge baseado nos estudos de Marcuschi (1946).

1.1 Breve histórico sobre a Semântica

A semântica, segundo Guiraud (1986), é o estudo do sentido das palavras. Para o autor, a palavra Semântica é proveniente do grego “semáinô” (significar), que é derivado da palavra sêma (sinal). Ainda conforme Cançado (2012, p. 17) a “semântica é o estudo dos significados das línguas”. Dessa forma, o semanticista objetiva descrever o que o falante da língua compreende a respeito da Língua/Linguagem.

As palavras são estudadas por dois campos maiores: a etimologia, mais remoto e semântica, mais novo. A Semântica começou a ser motivo de destaque no século XIX. Pensadores antigos já se preocupavam com esta área do conhecimento ao passo que analisavam o emprego e o sentido das palavras, inclusive descobrindo processos de mudanças semânticas. Guiraud (1986) em sua obra informa que o filósofo neoplatônico do século V, Proclus, classificou algumas dessas transformações como cultural, metáfora, alargamento e restrição do significado.

Ocorreram outras descobertas, a saber, no campo comportamental da fala, vaguidão das palavras e pluralidade de usos. Essa diversidade de significados foi notada por Demócrito ao ratificar que vários sentidos podem fazer referência a uma única palavra ou vice-versa. Os estudiosos da Semântica, no início do século XX, realizaram estudos voltados para a filosofia, sociologia, história da civilização, visando à retórica e a evolução semântica (GUIRAUD, 1986).

Conforme o autor, em 1913, com a monografia escrita por Jost Trier (Que tratava dos significados em Alemão dos termos “conhecimento” e “inteligência”) a Semântica foi alvo de outra fase, uma vez que seu trabalho se baseava nas pesquisas do suíço Ferdinand Saussure. E este considerou a Língua como sendo um conjunto estruturado que recebem

significação a depender do conjunto. Trier formulou a “teoria dos campos semânticos”. Com isso, atraiu discípulos. Nesse sentido, foi motivo de muitas repercussões. Fugiu de uma semântica puramente histórica, saiu do tradicionalismo. Voltou-se para a área da estilística.

A nova Semântica, segundo Guiraud (1986) voltou-se para novas áreas. Além da linguagem, direcionou-se para o pensamento. A linguagem vai além de um mecanismo de expressão, passa a ser mais relevante, sendo um mecanismo do pensamento, alcançando até os meios matemáticos e eletrônicos. A seção seguinte tratará das causas de mudanças de sentidos das palavras.

1.2 Significação e mudança de sentidos

Esta seção iniciará apresentando como ocorre a significação das palavras, logo após tratará das causas de mudanças de sentido. Existe um processo semântico denominado significação o qual Guiraud (1986) aborda em seus estudos, alertando para os cinco fatores que o influencia, a saber: signos e significação; signos e símbolos; significação linguística; sentido e relação; e arbitrário e motivação.

Primeiramente, Guiraud (1986) afirma sobre a significação ao dizer que se trata de um processo pela qual é estabelecido um elo entre um objeto e um signo. Este, por sua vez, incita o objeto que resulta na formação de uma imagem em nossa mente. O que temos conhecimento não é necessariamente do objeto em si, mas sim da imagem que formamos dele e do seu conceito, ou seja, do significante e do significado. A fim de explicar essa teoria Guiraud aborda o filósofo russo Pavlov que realizou uma experiência e concluiu que os estímulos são gerados no organismo e deixam uma marca. Por isso, qualquer outro novo estímulo poderá ressurgir baseando-se no estímulo já vivido.

Logo após, o autor explica a divisão dos signos em naturais e artificiais. Os naturais são aqueles que se relacionam a fenômenos presentes na natureza, por exemplo, uma nuvem escura que lembra chuva. Já os artificiais são uma mera convenção da sociedade. Esses são classificados em ícones (aqueles que fazem uma cópia do objeto real, baseando-se na semelhança, exemplo, uma fotografia) e símbolos (aqueles que representam uma convenção da sociedade, mas não tem nenhuma relação com o real, exemplo, o desenho de duas crianças saindo da escola em uma placa perto da faixa de pedestre). Os símbolos, por sua vez, podem ser divididos em motivados (ou seja, possuem uma ligação com o que é natural,

exemplo, as regras de etiqueta) e em arbitrários (não possuem nenhuma relação com o natural).

Para discorrer sobre sentido e conceito Guiraud (1986) baseia nas teorias de Ferdinand de Saussure o qual formulou por meio de um esquema a forma como ocorre a comunicação. Segundo Saussure (1916), o fato de lembrarmos de uma ÁRVORE faz com que criemos uma imagem do conceito, que, por sua vez, busca por assimilação a imagem acústica da palavra árvore. Em seguida, os sons dessa palavra chegam ao ouvido de quem está ouvindo, que também realizará uma assimilação e buscará a imagem do referido conceito.

No que diz respeito à relação do signo com outras formas da língua, Guiraud (1986) afirma que as palavras só terão sentido se estiverem contextualizadas, tendo em vista que o sentido é encontrado no discurso, por meio das relações existentes entre as palavras. Dessa forma, a cor vermelha não teria sentido se não tivéssemos conhecimento das cores laranja, rosa ou púrpura presentes em nossa língua. E, por associação, se não houver essas cores o vermelho poderá substituí-las, como por exemplo, por sangue, lua, tangerina. Sendo assim, o autor diz que o estado da língua será o responsável por determinar os valores das palavras.

O teórico ainda informa sobre os signos arbitrários e os motivados. Os primeiros são aqueles em que não existe uma relação com o natural, o que há é um acordo social. Diferentemente dos signos motivados, em que há uma relação natural. Embora exista essa divisão, os signos podem passar de motivados para arbitrários. Dessa forma, a motivação é organizada em três grupos maiores: motivação externa (ocorre quando a relação entre significado e significante é ulterior ao sistema linguístico), motivação interna (busca a palavra de origem para realizar mudanças, um exemplo é a formação da palavra bananeira a partir da palavra banana) e motivação e desmotivação. Vale ressaltar que todas as palavras nascem motivadas, mas com o tempo esquece-se a motivação e as palavras passam a ser arbitrária.

1.2.1 As mudanças de sentido

Discorremos neste tópico acerca das mudanças de sentidos de uma palavra que inclui dos valores linguísticos aos sociais, afetivos e psicológicos. Os sentidos das palavras mudam por vários motivos. Conforme Sapir (1949 *apud* ULLMANN, 1964), a língua é móvel, não é estática, ou seja, evolui com o passar do tempo. Move-se em uma direção formulada pela própria língua. Os elementos gramaticais, os sons, os acentos estão em

constante evolução, apesar de não conseguirmos percebê-los. Esse percurso de evolução é natural.

Para Guiraud (1986), as palavras perpassam por três processos evolutivos: a nominação, a evolução do sentido e a classificação de causas. Ao falar em nominação, o autor ratifica que a língua tem duas funções: uma cognitiva e a outra expressiva. A primeira diz respeito à associação por similaridade, quando atribuímos nome a algo, um nome a uma determinada coisa que na verdade pertence à outra coisa. A segunda refere-se à atribuição de características afetivas, estéticas ou morais pelo locutor a uma palavra. Existem também, outras formas de nominação, como: a força emotiva subconsciente, na qual sentimentos intensos como a cólera, o amor, a paixão fazem com que o indivíduo fale livremente palavras que remetem a essas emoções; os tabus, em que ocorre uma associação do nome ao objeto, as palavras se igualam as coisas; os eufemismos, em que se evita dizer a palavra original com a intenção de não provocar fortes emoções; a economia da palavra, na qual eliminamos expressões que são dispensáveis à comunicação; a clareza da comunicação, em que mesmo com o estado polissêmico da língua, conseguimos pelo contexto determinar o significado de determinada palavra ou expressão. Acontece que em mudanças ocasionadas pela evolução fonética ou semântica pode haver conflitos e fazer com que possam ser confundidas em um mesmo contexto.

Com relação à evolução do sentido, Guiraud (1986) afirma que engloba várias causas, dentre elas: a evolução do referente, em que há conservação do nome, mas a coisa muda, com a evolução das instituições, das técnicas, os significados evoluem e conseqüente ocorrem mudanças de sentido; o obscurecimento da motivação etimológica ocorre quando há um enfraquecimento do sentido de uma palavra devido à evolução semântica; a estratificação social, na qual os diferentes grupos sociais provocam a mudança de sentido, uma vez que cada grupo tem a sua cultura e modo de vida; o contágio, quando sintaticamente, foneticamente ou semanticamente uma palavra provoca mudança sobre a outra; a etimologia popular, quando há uma falsa etimologia, as pessoas atribuem uma origem a determinada palavra por meio do contágio.

Como se sabe, ao longo do tempo, as palavras modificam-se a fim de se adequarem aos novos recursos tecnológicos que surgem na sociedade, às novas ideias, às novas formas de pensar. Isso posto, Andrade (2006) afirma que essas maneiras peculiares de lidar com o mundo levam o indivíduo a investigar as ações de acordo com o que pensam e vivem. Andrade (2006, p. 27) ratifica que:

Os avanços científicos de uma civilização, seu enriquecimento, a diversificação dos ramos profissionais, bem como a crescente multiplicidade das relações interpessoais levam os indivíduos a analisar e categorizar as ações e as coisas partindo de uma mentalidade e visão de mundo próprias. Apesar de possuírem a mesma herança linguística, membros de grupos sociais e profissionais diferentes atribuem nuances distintas às palavras que as vão incorporando e adquirindo novos sentidos. A ciência, a arte e os ofícios ampliam o significado das palavras mais comuns, como, por exemplo, os vários sentidos do termo *operação* quando empregado por um cirurgião, um matemático e um bancário, inovando e criando terminologias e expressões.

Dessa forma, uma mesma palavra pode possuir vários sentidos. Para explicar essa polissemia, Guiraud (1986) discorre sobre quatro elementos: sentido e efeitos de sentidos; sentidos e valores estilísticos; a criação semântica; e a evolução semântica. O autor afirma que há sempre um sentido de base e um sentido contextual. O primeiro refere-se ao sentido primitivo, ou seja, ao sentido real de uma palavra; o segundo refere-se aos vários sentidos virtuais que uma palavra pode ter.

Ao falarmos em “sentidos e valores estilísticos”, Guiraud (1986) discorre sobre a ideia de que há sempre um único sentido em uma dada situação, que é o sentido contextual. Associam-se valores estilísticos a depender do contexto que são de dois tipos: valores expressivos e valores sociocontextuais. Os primeiros referem-se à ideia de que as palavras são acompanhadas de construções que exprimem emoções, desejos e julgamentos de quem fala, por isso é acompanhada de gestos, entonação da voz. Essas reações não são conscientes, são realizadas espontaneamente. Os segundos referem-se aos valores sociais pertencentes a cada grupo. Nesse caso, há uma associação por contiguidade, ou seja, o sentido atribuído à palavra provém do contato com um determinado meio. Sendo assim, em uma palavra encontramos quatro tipos de sentido: sentido de base, sentido contextual, valor expressivo e valor sociocontextual.

Guiraud (1986) ratifica também sobre a criação semântica. Informa que as palavras são criações do homem, criamos e elas mesmas evoluem, vão se renovando e levando a formação de outras palavras. Essa criação possui uma dupla função, pode ser tanto cognitiva como expressiva. Para isso, ainda segundo o autor, a língua utiliza diversos meios. Dentre eles: as onomatopeias, que exercem função importante no que se refere ao estilo poético; os empréstimos, que são palavras provindas do estrangeiro; a derivação e a composição, onde as palavras são formadas a partir de estruturas que já existem; e as

transferências de sentidos, que ocorrem tanto por similaridade quanto por contiguidade. Por similaridade, associam-se aproximações de significados, levando em consideração a forma, cor, função. Por contiguidade, associa-se uma totalidade por uma parte. A próxima seção refere-se acerca dos processos semânticos de ambiguidade, polissemia e homonímia.

1.3 Processos semânticos: Ambiguidade, Polissemia e Homonímia

Nesta seção, serão apresentadas as causas dos processos semânticos de ambiguidade, polissemia e homonímia, assim como suas classificações.

1.3.1 Ambiguidade

A ambiguidade, neste tópico, será embasada nos autores Cançado (2012) e Ullmann (1964). Assim, esse processo semântico é advindo do uso de palavras com sentido duplo ou triplo, bem como pela construção do enunciado. Ambas existem apenas para o ouvinte. Nesse sentido, o contexto é determinante para que ocorra a interpretação pretendida pelo falante (BORBA, 2005). A ambiguidade segundo Ullmann (1964) pode surgir, linguisticamente, de várias maneiras, sendo três principais: fonética, gramatical e lexical.

Em relação à fonética, a ambiguidade pode ser produto da estrutura fonética da frase observando-se a linguagem falada. Ao proferir um conjunto de palavras, sem separá-los e sem pausas, os grupos formados por palavras diferentes podem fazer com que estas se tornem homônimas e, conseqüentemente, ambíguas.

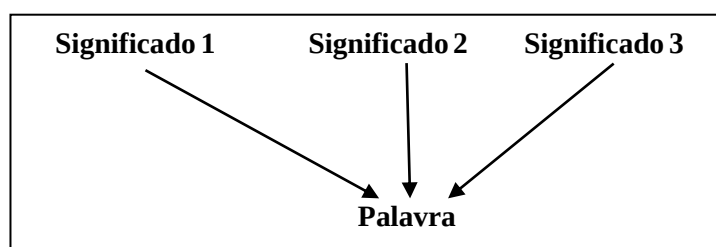
No que diz respeito aos fatores gramaticais, faz-se necessário considerar duas possibilidades, segundo Ullmann (1964), são elas: as formas gramaticais e a estrutura da oração. Em relação às formas gramaticais, deve-se compreender que certos sufixos e prefixos possuem mais de um significado, o que pode ocasionar desentendimento. Por exemplo, o sufixo *-able* não possui os mesmos significados em *desiderable* [desejável] ou *readable* [legível], *knowable* [conhecível], *debatable* [debatível]. Também existem prefixos e sufixos homônimos, por exemplo, o prefixo *-in* que significa “em, dentro de, em direção a, sobre) identificado nas palavras [*indente* <entalhe>], [*inborn* <inerente>], possui um homônimo que relata negação em: *inappropriate* (inapropriação), *inexperienced* (inexperiente).

Ainda em relação às formas gramaticais, pode-se considerar as terminações inflexionais como ambíguas. No latim vulgar, quando o *-b-* passou a ser pronunciado da

mesma maneira que o -v-, por exemplo, não se pode diferenciar um futuro como *amabit* <ele amará> do pretérito perfeito *amavit* <ele amou>.

No que diz respeito à estrutura da oração, pode-se dizer que as combinações entre as palavras possuem mais formas de serem interpretadas, não sendo ambíguas. Isso pode ser observado com o adjetivo “*old*” que pode ser interpretado fazendo ligação a velhos ou conhecidos ou só a velhos, a saber, [*I met a number of old friends and acquaintances*] equivalente em Português a [Encontrei vários velhos amigos e conhecidos]. Essas ocorrências de ambiguidades podem ser solucionadas compreendendo-se o contexto ou observando-se a entonação (ULLMANN, 1964).

Já em relação aos fatores lexicais, a ambiguidade consoante Ullmann (1964), trata da questão de múltiplos sentidos se relacionarem a um único nome. O diagrama abaixo formulado pelo teórico citado representa a ambiguidade:



Fonte: Adaptado de Ullmann (1964).

Essa multiplicidade de sentidos pode ser resultado ou da polissemia ou da homonímia. A distinção entre ambos os fenômenos será explicada de forma mais detalhada no decorrer deste capítulo. A ambiguidade pode ser classificada como ambiguidade lexical, ambiguidade com preposições, ambiguidade sintática, ambiguidade de escopo, ambiguidade por correferência.

Segundo Cançado (2012, p. 71), “a ambiguidade lexical pode ser gerada por dois tipos de fenômenos distintos: a homonímia e a polissemia”. A homonímia ocorre quando não há relação entre os sentidos de uma palavra ambígua. Se estas possuírem a mesma grafia e o mesmo som serão classificadas como homógrafas. Se, mantiverem o mesmo som, mas grafias diferentes serão consideradas homófonas. Por outro lado, há polissemia à medida que há relação entre os possíveis sentidos da palavra ambígua.

A ambiguidade ocasionada por preposições ocorre porque estas são itens lexicais “leves”. O sentido será determinado pelo contexto ou complemento, pois, *a priori*, podem existir vários. A preposição “de”, por exemplo, pode fazer referência à origem, qualidade,

modo, posse, etc. Vale ressaltar que existem várias possibilidades pré-determinadas. A autora exemplifica com a seguinte oração:

(1) “O quadro da Maria é muito bonito”.

Podemos pensar “O quadro que a Maria pintou”, “O quadro que a Maria tem” ou “O quadro que fizeram da Maria”. Nesse caso, ocorre ambiguidade devido à preposição “de”. Entretanto, se dissermos “O quadro da Maria é muito bonito. Ela é uma excelente pintora”, não teremos dúvida de que quem pintou o quadro foi Maria. Para tanto, o determinante para o correto entendimento do sentido será o contexto de produção da frase.

A ambiguidade sintática é gerada pela estrutura sintática. “Nesse tipo de ambiguidade, não é necessário interpretar cada palavra individualmente como ambígua, mas se atribui a ambiguidade às distintas estruturas sintáticas que originam as diferentes interpretações” (CANÇADO, 2012, p. 76). Observe o exemplo da autora:

(2) Homens e mulheres competentes têm os melhores empregos.

Essa oração pode ser interpretada tanto no sentido de que os homens e as mulheres são competentes quanto no sentido de que somente as mulheres são competentes. Nesse caso, a ambiguidade é ocasionada pelas diversas possibilidades de reorganização da sentença.

A ambiguidade de escopo é gerada por uma estrutura semântica da sentença. A forma como as palavras estão distribuídas pode gerar duas interpretações distintas. Diferentemente da ambiguidade sintática, na ambiguidade de escopo não há como reorganizar a sentença em estruturas lineares, mas sim, em estruturas lógicas (CANÇADO, 2012). Analise a seguir o outro exemplo da autora:

(3) Todos os alunos comeram seis sanduíches.

Conforme a autora, temos duas interpretações possíveis: ou a quantidade total de sanduíches degustada pelos alunos foi de seis sanduíches ou cada aluno comeu seis sanduíches.

A ambiguidade por correferência se diferencia daquelas explicitadas acima, pois para Cançado (2012, p. 79) “A ambiguidade por correferência é um tipo de ambiguidade

sistemática que não tem origem nem nos itens lexicais, nem na organização da sentença. A ambiguidade lexical é gerada pelo fato de os pronomes terem diversos antecedentes”. Eis o exemplo da autora:

(4) O ladrão roubou a casa de José com a sua própria arma.

Conforme explicações da autora, ou o ladrão usou a arma dele para roubar ou o ladrão usou a arma de José. Nessa vertente, conforme Cançado (2012, grifo do autor) “o pronome *sua* pode estar coindexado, em uma ligação anafórica, tanto com o ladrão quanto com o *José*”. A próxima subseção trata das questões de polissemia e de seus usos.

1.3.2 Polissemia

De início, discorre-se sobre as origens desse fenômeno linguístico e, logo após, será feita uma discussão a respeito das implicações da polissemia que, segundo Ullmann (1964), são estas: mudanças de aplicação; especialização em um meio social; linguagem figurada; homônimos reinterpretados; e influência estrangeira. Dessas categorias, serão analisadas nas charges as seguintes: mudanças de aplicação; especialização em um meio social; e linguagem figurada. Conforme Aristóteles (*apud* ULLMANN, 1964, p. 346), as palavras de significado ambíguo servem, sobretudo, para “permitir ao sofista desorientar os seus ouvintes”.

Nesse sentido, a Polissemia era entendida como um empecilho para a comunicação. Por outro lado, segundo Bréal (1921 *apud* ULLMANN, 1964, p. 347), Frederico o Grande, rei Prússia [1712-1786], considerava a multiplicidade de sentidos como positiva, pois “quanto mais significados uma palavra acumulou, mais diversos aspectos de atividade intelectual e social é capaz de representar”.

Se não fosse possível a polissemia atribuir diversos sentidos a uma palavra, isso corresponderia a uma tremenda sobrecarga na nossa memória: teríamos que possuir termos separados para cada tema concebível sobre o qual quiséssemos falar. A polissemia é um fator inapreciável de economia e flexibilidade da língua; o que é admirável não é que o maquinismo emperre de vez em quando, mas que emperre tão raramente. (ULLMANN, 1964, p. 347)

A partir dessa afirmação, podemos perceber que a polissemia é muito relevante para as práticas comunicativas, pois se não fosse esse processo, seria necessário grande acúmulo de dados na memória, se o sentido fosse único para cada palavra. Por conseguinte, a força motriz da polissemia é o contexto. Independentemente da quantidade de significados abordados em um dicionário referente a uma palavra, prevalece o sentido referente a uma dada situação. Nessa perspectiva, não haverá desentendimento, considerando-se que apenas um significado fará sentido em dado contexto (ULLMANN, 1964).

Para Cançado (2008), uma palavra é polissêmica quando podemos estabelecer relações entre aqueles que são os seus prováveis sentidos. Ela ratifica que na palavra pé (pé de cadeira, pé de mesa, pé de fruta, pé de página etc.) os exemplos de utilização possuem o mesmo sentido de base. Por mais que pensemos na sua repetitividade a frase completa seu sentido, entendemos o que é dito. E ainda ratifica que apesar dessa aparente vulgaridade, a investigação da polissemia exige conhecimentos históricos dos itens lexicais por parte do leitor. Assim sendo, não é um processo simplório.

Com relação à Polissemia, além das perspectivas dos autores já citados, Sacconi (1986, p. 353), ressalta que “há polissemia quando uma palavra adquire multiplicidade de sentido, que se explica dentro de um contexto, neste caso, trata-se realmente de uma única palavra, que abarca grande número de acepções dentro do seu próprio campo semântico”. Segundo o teórico há multiplicidade de sentidos do verbo fabricar nas seguintes frases: fabricar balas (manufaturar); fabricar ninhos (construir), fabricar advogados (engendrar), fabricar moedas (cunhar), fabricar a própria desgraça (maquinar, preparar), fabricar um ídolo (inventar) [...] Exemplo do adjetivo fino: voz fina (aguda), lâmina fina (afiada); livro fino (que não é grosso), homem fino (educado), ambiente fino (seleto), vinho fino (excelente), fino acabamento (apurado). Observa-se que uma única palavra foi utilizada para estabelecer significados diferentes, porém há relações entre eles.

Nesse sentido, uma palavra polissêmica só será compreendida quando se conhece o contexto situacional. Conforme Correia (2000, p.8) “Só o contexto em que cada palavra se encontra nos permite determinar com exatidão qual o seu significado, e resolver assim casos de ambiguidade na interpretação dessa palavra”. A seguir, veremos mais um conceito referente à polissemia. Conforme Barros (1985, p. 359) “A polissemia ocorre quando um só significante assume vários significados. Em outros termos, a mesma palavra é dotada de vários significados, que, todavia, dependem sempre do contexto. A polissemia é uma relação exclusivamente sincrônica”. Nesse sentido, o teórico ratifica:

Decorre de necessidade irremovível para a comunicação de uma ideia, uma vez que nenhuma língua possui palavra especial para cada signo. A língua obedece, através da polissemia, ao princípio da economia; ela reaproveita várias vezes o mesmo signo, fazendo variar-lhe o significado. E a polissemia responsável por muitos casos de ambiguidade, quando não distribuídos no contexto meios que permitam esclarecer o sentido da palavra polissêmica. Exemplo: Se digo pura e simplesmente "comprei um pente" - ocorre a ambiguidade. Se, porém, digo: "comprei um pente para minha arma" obviamente tal objeto não servira para pentear os cabelos. Em frases como "O papel que desempenhei na peça foi dos mais difíceis"; "Deu um furo na primeira página do jornal", "Estava vários furos acima dele", os significados das palavras papel e furo estão definidos pelo contexto. Em resumo, polissemia consiste na propriedade de um significante linguístico aceitar dois ou mais significados, só definíveis pelo contexto. (BARROS, 1985, p. 359)

O processo polissêmico pode ser concebido de forma negativa pelo interlocutor, uma vez que acarreta o fenômeno da ambiguidade, entretanto no que concerne a economia linguística, depreende-se que é essencial. Correia (2000, p. 9) “atesta o fato de que polissemia apenas é econômica porque o domínio das várias acepções de uma mesma unidade não requer da parte do falante qualquer esforço suplementar de memorização”. Isso ocorre porque o falante é capaz de tornar a comunicação clara, sem empecilhos e eficiente por meio da utilização de palavras que representam diferentes conceitos.

A polissemia, conforme Correia (2010, p. 9), “contribui decisivamente para tornar o léxico de uma língua um sistema profundamente econômico. Afeta praticamente todas as palavras da língua e é explicável por mecanismos mais ou menos regulares que garantem a inteligibilidade dos usos polissêmicos das palavras”. Dentre suas diversas causas, serão explicitadas as seguintes, conforme Ullmann (1964): Mudanças de aplicação, especialização em um meio social, linguagem figurada, homônimos reinterpretados e influência estrangeira.

Ao apontar as mudanças de aplicação, Ullmann (1964) entende que as palavras possuem múltiplos aspectos a depender do contexto em que são usadas. Segundo o autor, alguns aspectos do significado são passageiros e outros não, podendo tornar-se permanente. Na medida em que aumenta separação entre o significado novo e o permanente, podem ser consideradas acepções diferentes do mesmo vocábulo. Mormente, essas mudanças são notadas no uso de adjetivos, tendo em vista que eles possuem a capacidade de diversificar seu significado de acordo com o substantivo. O investigador sueco Arne Rudskoger (1952 *apud* ULLMANN, 1964, p. 333) estudou as ramificações semânticas de adjetivos ingleses em uma monografia. Por exemplo, o adjetivo *handsome* quando se refere às pessoas pode significar: apto, próprio, belo com dignidade; objetos concretos: fácil de manejar, de tamanho regular,

belo de dignidade; ações de fala: apropriado, apto; conduta: adequado, galante, generoso. Esses significados emergiram, segundo o autor, devido às mudanças de aplicação e tiveram o empregado figurado como um instrumento. Vale lembrar que nem todos eles permaneceram e palavras de outras classes gramaticais podem passar por essas variações.

Em relação à especialização em um meio social, Bréal (1921 *apud* ULLMANN, 1964, p. 334) ratificou que “em todas as situações, em todos os ofícios ou profissões há uma certa ideia que está tão presente na mente de cada um, tão claramente implicada, que parece desnecessário declará-la quando se fala”. Mais precisamente, exemplificaremos a palavra *action* [ação]. Ela sempre significará ação legal para um advogado, mas para um soldado será operação militar. Esse fenômeno também é observado nas palavras companhia, interesse, fiança, abertura, chave, partitura, assinatura, palco, plateia, pano de boca, transmissão, dentre outras. Dessa maneira, uma palavra pode possuir vários sentidos, no entanto, apenas um deles será utilizado de acordo com o meio social a que faz referência (ULLMANN, 1964).

No que concerne à polissemia provocada pela linguagem figurada, o teórico citado ratifica que “Uma palavra pode adquirir um ou mais sentidos figurados sem perder o seu significado original: o velho e o novo viverão lado a lado, desde que não haja possibilidades de confusão entre eles”, ou seja, uma palavra pode ser polissêmica a partir do sentido denotativo e conotativo. Nessa perspectiva, são utilizadas figuras de linguagem para que a polissemia, tais como, a metáfora, a metonímia e outras que se utiliza de tonalidades emotivas.

Segundo Ullmann (1964), a palavra *eye* [olho] possui inúmeros significados associados ao órgão propriamente dito: I. Um objeto que se assemelha ao olho na aparência, forma ou posição: o centro de uma flor, o grelo de uma batata, a marca da cauda de um pavão, etc; II. A abertura através da qual jorra a água de uma fonte; III. Um núcleo central; o ponto mais brilhante (de uma luz); IV. O centro de uma revolução dentre outros. Também podemos falar em “olho da lei” ou na frase (*Methinks I see my father... in my mind's eye*) correspondente em Português a (Parece que vejo meu pai ... na minha imaginação).

A polissemia, segundo Ullmann (1964) tem origem em homônimos reinterpretados, uma forma de etimologia popular. “Quando duas palavras têm som idêntico e a diferença de significado não é muito grande, temos uma certa tendência a considerá-las como uma única palavra com dois sentidos” (Ullman, 1964, p. 340). *Ear*, nome do órgão e uma espiga de cereal, o francês *souci* <cuidado> e <malmequer>, o francês *flamme* <chama> e <lanceta>.

A influência estrangeira, segundo estudos de (Ullman, 1964) faz com que uma palavra existente mude seu significado por influência de palavras estrangeiras. Em alguns momentos, o novo sentido substituirá o velho. Entretanto, por várias vezes, os dois sentidos subsistirão lado a lado, o que ocasiona a polissemia.

A seguir, discorreremos acerca das ocorrências da homonímia e de algumas de suas categorias.

1.3.3 Homonímia

Iniciaremos apresentando alguns conceitos de homonímia. O processo de homonímia surge sempre que não se estabelece relação entre os sentidos de uma palavra ambígua. Por exemplo, podemos atribuir dois significados a palavra banco e a palavra manga: (CANÇADO, 2012, p. 71). Observe-se a seguir:

Banco: 1) Instituição financeira;
2) Lugar em que se assenta.

Manga: 1) Fruta;
2) Parte do vestuário.

Para Sacconi (1986, p. 352) a homonímia refere-se a “particularidade de duas ou mais palavras possuírem identidade de sons ou de forma, mas diversidade de significado”. Ou seja, as escritas e pronúncias podem ser as mesmas, entretanto, os sentidos são diferentes. Assim, ainda conforme o teórico citado:

As palavras homônimas podem ser homófonas (acento/assento, concerto/conserto), homógrafas (pode/pode, olho/olho – verbo e substantivo) e perfeitas (rio/rio - verbo e substantivo, são/são/são - verbo, adjetivo e substantivo). No campo diacrônico, faz-se distinção entre homonímia e polissemia. (SACCONI, 1986, p. 352)

Ainda conforme Barros (1985, p. 357) a homonímia “É o fenômeno semântico que consiste no fato de dois ou mais conteúdos diferentes serem recobertos pela mesma forma linguística. É o caso de manga associado tanto ao conteúdo "parte da roupa que cobre o braço" quanto ao conteúdo ‘fruta tropical’”. Ainda consoante Barros (1985, p. 357): Ocorre homonímia “quando palavras de origem diversa, por força da evolução fonética,

coincidentemente assumem a mesma forma, mantendo, porém, o significado de origem de cada uma das formas resultantes”. Conforme Barros (1985, p. 357):

Tenha em vista que na homonímia estão presentes duas ou mais formas fonológicas cujas significações, entretanto, não se associam. Há coincidência fonológica, mas se distribuem no contexto e na classe gramatical. Exemplo: "Serão eles capazes de fazer? Serão todos os dias do mês? São homônimas as palavras que se aproximam em seus significantes prosódica ou graficamente. Daí os diferentes tipos de homônimos: 1) homógrafos: identidade prosódica e diferença fonética. Exemplos: almoço (substantivo) – almoço (verbo), apoio (verbo) – apoio (substantivo), forma (o) - forma (o): pelo (substantivo) –pelo (verbo) - pelo (contração). 2) Homófonos: identidade prosódica e diferente significante. Exemplos: cegar (não ver) - segar (cortar), cela (pequeno quarto) sela (arreio); concerto (sessão musical) - conserto (remendo); paco (palácio) – passo (caminhar). 3) homófonos - homógrafos: identidade prosódica e gráfica. Exemplos: andamos (presente) - andamos (perfeito do verbo andar), cedo (advérbio) - cedo (verbo ceder); leve (adjetivo) - leve (verbo levar); luxo (ostentação) - luxo (verbo luxar); são (de santo) - são (sadio) - são (verbo ser). Os limites entre a homonímia e a polissemia são imprecisos e arbitrários. A polissemia consiste na analogia parcial entre sememas revestidos pela mesma forma, como acontece com capa (de livro ou peça de vestuário), leite (cama e fundo de rio). (BARROS, 1985, p. 357)

Segundo Ullmann (1964), a homonímia pode surgir por meio de três processos: convergência fonética; divergência semântica; e influência estrangeira. Desses procedimentos serão explicitados a seguir apenas os dois primeiros, uma vez que a influência estrangeira pode ocorrer por meio do empréstimo semântico ou quando há mudanças formais de sons.

Ainda conforme Ullmann (1964), a mais comum é referente à convergência fonética. Ainda segundo o teórico “Sob a influência das mudanças fonéticas vulgares, duas ou mais palavras que tiveram outrora formas diferentes coincidem na língua falada, e muitas vezes também na escrita”. O teórico ratifica que há homonímia quando se desenvolve sons comuns, exemplo em francês, *ceint* (cinge), *cinq* (cinco), *sain* (saudável), *saint* (santo), *sein* (seio, peito).

A divergência semântica, o segundo processo, ocorre “quando dois ou mais significados de uma mesma palavra se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles, a polissemia dará lugar à homonímia e a unidade da palavra será destruída” (ULLMANN, 1964, p. 368), exemplo dessa ocorrência, segundo o autor, pode ser observado a seguir: *sole* (linguado, nome de um peixe) e *sole* (sola de um sapato).

No próximo capítulo serão apresentadas noções teóricas acerca do conceito de gêneros textuais e, mais especificamente, sobre a charge.

CAPÍTULO 2. GÊNERO TEXTUAL: CHARGE

O gênero textual charge é utilizado como objeto de estudo deste trabalho. Para Marcuschi (2008, p. 149) “a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral”.

2.1 Conceituando Gêneros Textuais

Segundo Marcuschi (2008), os gêneros textuais são conceituados como textos referentes à nossa vida cotidiana em situações comunicativas com padrões sociocomunicativos fixados por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados por meio de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Ainda segundo o autor citado, os gêneros podem ser escritos ou orais, situados histórico e socialmente. Alguns exemplos são: telefonema, carta pessoal, piada, resenha e, dentre tantos outros, a charge que será explorada conforme os critérios estabelecidos neste trabalho (MARCUSCHI, 2008).

Os gêneros textuais são dinâmicos. Existe uma multiplicidade deles, por isso não se pode delimitar uma quantidade ao certo. Ademais, são atividades discursivas construídas socialmente que se estabilizam com o objetivo de exercerem influência com relação ao controle social e, até mesmo o exercício do poder. De certa forma, permitem nossa inserção, ação e controle social no dia-a-dia. Dessa maneira, eles são necessários para a comunicação e/ou interlocução humana (MARCUSCHI, 2008).

Segundo Marcuschi (2008, p. 162) “os gêneros legitimam o nosso discurso”. Assim, quando falamos da produção acadêmica, a saber, os ensaios, as teses, os artigos científicos, os gêneros textuais assumem prestígio e são considerados uma maneira de fazer ciência (MARCUSCHI, 2008). A seguir, será apresentado o conceito de charge enquanto gênero textual.

2.2 Charge e contexto

Segundo Bakhtin (2003) a charge é um gênero discursivo pertencente à esfera jornalística. Sua organização ocorre por meio de elementos verbais e não verbais. Tem como

função inicial provocar o humor e o riso, recursos que pretendem atrair o leitor para um assunto que merece seriedade, isso será compreendido através da crítica que o chargista pretende veicular.

Por meio do gênero textual charge, diversas questões sociais podem se tornar acessíveis ao público leitor, tornando os problemas mais visíveis. Para Silva (2016, p.13), a charge:

Trata-se de um gênero que corresponde a uma ação sociocultural, trazendo em sua constituição a ironia, o humor e a intertextualidade. Por ser um gênero dinâmico, bastante acessível aos leitores, seja em jornais impressos ou em vias eletrônicas, a charge vem ganhando maior visibilidade perante os leitores. Um dos fatos que colabora para isso é o de sabermos que na construção desse gênero utilizam-se personagens conhecidos, como figuras políticas, do esporte, da cultura que estejam envolvidas em algo polêmico e atual. O discurso direto, simples e na sua maioria coloquial também corrobora para uma aceitação e apreciação das charges.

Nessa perspectiva, compreende-se que o gênero em questão possui grande relevância no que concerne a observância de situações do dia-a-dia. Com linguagem e personagens, na maioria das vezes conhecidos o leitor consegue abstrair a essência e o humor da charge com bastante facilidade.

De acordo com os conceitos atuais para o ensino de Língua Portuguesa, que é propiciar aos educandos o maior número de gêneros textuais possíveis, a inclusão do texto chargístico, possibilitará aos mesmos ler além das aparências evidentes nos textos e perceber os sentidos implícitos, através da análise minuciosa deste tipo de discurso. (MOUCO, 2007, p. 06)

A charge é um texto e como ratifica Koch e Elias (2014) quando se fala em texto devemos falar em contexto, uma vez que na concepção sociocognitiva e interacional da linguagem, atividades escritas ou orais são acontecimentos cercados por fatores linguísticos, pragmáticos, sociais, históricos, cognitivos e interacionais.

Quem escreve o faz sempre para alguém de modo a levar em conta, nessa atividade, o ‘histórico’ que possui sobre o interlocutor. A escrita de qualquer gênero textual é sempre motivada por aqueles que a receberão e pela finalidade. Quem escreve o faz com base em um conjunto de conhecimentos, tanto é assim que não se pode produzir qualquer texto de qualquer forma em qualquer situação. Para a troca comunicativa imaginada, é esperada a “escolha” do gênero textual (um e-mail, um requerimento, uma carta, um artigo de opinião, um manual de instrução, uma lista) em adequação ao contexto, dentre outros ingredientes a serem levados em conta, segundo os quais vamos construindo e reconstruindo a nossa escrita, palavra por palavra, sem que isso signifique que o sentido pretendido emerge da soma de palavras em frases e

parágrafos, mas, sim, que os elementos linguísticos presentes na materialidade do texto funcionam como importante orientação para que nós ultrapassemos o plano da linearidade, do visivelmente colocado, e mergulhem nos “segredos do texto”, na sua implicitude. (KOCH; ELIAS, 2014, p. 84)

Nessa perspectiva, a compreensão de sentidos na relação entre os interlocutores nem sempre é simples. É necessário que ambos conheçam o contexto de produção da mensagem, assim como o autor, tempo e espaço. Só assim, os significados serão conhecidos. Marcuschi (2008, p. 67) afirma: “A língua é também muito mais do que um veículo de informações. A função mais importante da língua não é a informacional e sim a de inserir os indivíduos em contextos sócio-históricos e permitir que se entendam”.

Dessa forma, faz-se necessário considerar que os sentidos decorrentes dos variados contextos são construídos pelo ouvinte/falante. Segundo Marcuschi (2008, p. 242) “Os efeitos de sentido são produzidos pelos leitores ou ouvintes na relação com os textos, de modo que as compreensões daí decorrentes são fruto do trabalho conjunto entre produtores e receptores em situações reais de uso da língua”.

A língua não é sequer um sistema de estruturas fonológicas, sintáticas e lexicais. A língua não é sequer uma estrutura; ela é estruturada simultaneamente em vários planos, tais como o fonológico, o sintático, o semântico e o cognitivo, que se organizam no processo de enunciação. A língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto. (MARCUSCHI, 2008, p. 240)

Nesse sentido, a língua é constituída por um conjunto de fatores. É nesse meio que as mensagens são construídas e interpretadas. No tópico seguinte serão apresentados os procedimentos teórico-metodológicos utilizados para a construção do presente trabalho.

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este capítulo contém os procedimentos metodológicos dão suporte a este estudo. O propósito desta pesquisa é exploratório e explicativo. Conforme Gil (2007), a pesquisa exploratória visa proporcionar maior proximidade acerca da questão apresentada, na tentativa de torná-la mais precisa. Já a pesquisa explicativa, propõe-se localizar os fenômenos que levam a ocorrência dos fatos.

A abordagem utilizada comporta o caráter qualitativo. Para Goldenberg (1997), a pesquisa qualitativa se interessa na especulação, buscando compreender determinado grupo, uma vez que os dados coletados são analisados com base na interpretação sem mensuração dos resultados.

Assim sendo, a natureza desta pesquisa é classificada como básica, tendo em vista a geração de novos conhecimentos sem a finalidade de aplicação, com base em verdades universais. Para isso, utiliza-se de diversas técnicas, e uma delas é a revisão bibliográfica, visto que, segundo Fonseca (2002), se desenvolve a partir de estudos já realizados.

Para tanto, foi realizado um estudo teórico sobre a origem e conceitos da semântica, os processos semânticos, as mudanças de sentido, a polissemia, a homonímia e a ambiguidade. As obras consultadas abrangem autores da Semântica, tais como Ullmann e Guiraud, perpassando por escritores de artigos, trabalhos de conclusão de curso, teses e monografias acadêmicas da área de Língua Portuguesa.

O *corpus* desta pesquisa é constituído por dezenove charges relativas a temas políticos, educacionais, de saúde, históricos e sociais, questões presentes no cotidiano. As fontes foram escolhidas aleatoriamente em sites da internet. O propósito de se investigar os processos semânticos neste gênero textual ocorreu devido a sua característica humorística e crítica, pois, ao mesmo tempo em que satiriza, também alerta o leitor sobre um assunto importante que deve ser tratado com mais rigor.

A fundamentação teórica deste trabalho é composta por estudos da semântica (significação e processos semânticos) conforme Guiraud (1986), teorias sobre a ambiguidade, polissemia e homonímia consoante Ullmann (1964), Cançado (2008;2012), Barros (1985) e Sacconi (1986). Além de estudos significativos sobre gêneros textuais segundo Marcuschi (2008).

Para a análise dos dados das charges, foram selecionadas várias categorias. Com relação à polissemia, optou-se por utilizar os processos mudanças de aplicação, especialização

em um meio social, linguagem figurada conforme Ullmann (1964) e as definições dos gramáticos Barros (1985) e Sacconi (1986). No que diz respeito à homonímia, decidiu-se pela avaliação por meio de conceitos em conformidade com Ullmann (1964) e com as definições dos gramáticos Barros (1985) e Sacconi (1986). A ambiguidade lexical foi investigada em decorrência da polissemia e homonímia, e de acordo com os estudos de Cançado (2012) e Ullmann (1964).

Com isso, estabeleceu-se relações entre a polissemia, homonímia e ambiguidade com o gênero textual charge. Também, utilizou-se Ferreira (2010) e Houaiss (2001) para consultar conceitos de palavras retiradas das charges, a fim de facilitar o reconhecimento dos processos em análise.

Além disso, explorou-se a utilização do contexto, embasando-se em Guiraud (1986), Marcuschi (2008) e Koch (2014) com a intenção de se fazer entender que a ambiguidade, a polissemia e a homonímia são compreendidas quando se considera o contexto de produção. Ademais, visa-se observar a evolução de sentido da língua e também do seu significado. No próximo capítulo será feita a análise e discussão dos dados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentadas as análises das charges escolhidas. O estudo será dividido em três seções: ambiguidade, polissemia e homonímia. Esses processos serão analisados separadamente.

4.1 Ambiguidade

Nesta parte do trabalho serão analisadas as charges que contêm ambiguidades. Iniciaremos com a charge abaixo.

Charge 1



Fonte: <http://verbagem.blogspot.com/2009/06/7-grao.html?m=1>

Na charge acima, há um carro com a palavra *verba*. À frente, tem-se uma placa escrito *desvio*. O humor consiste no fato de uma verba que, certamente, é orçamento destinado a despesas públicas está sendo desviada. Pois, a placa sugere, propositalmente, que há vários locais em que o dinheiro será fraudado. Isso em relação ao sentido conotativo, uma vez que o sentido denotativo da palavra *desvio*, no contexto de uma rodovia é o de que existe algum impedimento na pista, logo os motoristas devem ser direcionados a um atalho para prosseguirem viagem.

Nesse caso, há ambiguidade lexical. A duplicidade de sentidos pode ser explicada pela polissemia do substantivo *desvio* que pode tanto significar, conforme Ferreira (2010), uma “Sinuosidade, curva” ou uma “Subtração fraudulenta”. O texto não-verbal também contribui para o humor e ambiguidade, uma vez que a placa “desvio” está desenhada

indicando várias direções. Assim, associa-se ao sentido da palavra “desvio”. A seguir, será interpretada a charge 2.

Charge 2



Fonte: <http://verbagem.blogspot.com/2009/06/7-grao.html?m=1>

Nesta charge, o humor se manifesta na expressão “*Tudo em cima*”. A partir do momento que um cliente pergunta “*Tudo em cima, seu Gregório?*”, *Seu Gregório* que está no caixa de uma dada loja responde “*Tudo!*”. Nota-se que o sentido da frase verbal não foi compreendido. Isso é esclarecido ao observar-se os preços das mercadorias que estão em destaque com a cor vermelha.

Na expressão “Tudo em cima, seu Gregório” há a presença da ambiguidade de escopo, uma vez que a dúvida, conforme Cançado (2012) é gerada pela estrutura semântica da sentença. Nesse ínterim, o sentido da frase é resgatado pelo contexto e entendimento lógico. As possíveis interpretações dessa charge se o contexto não for observado são: ou o cliente está realizando uma forma de cumprimento ou está perguntando se os preços estão altos. A próxima charge a ser analisada apresenta-se a seguir.

Charge 3

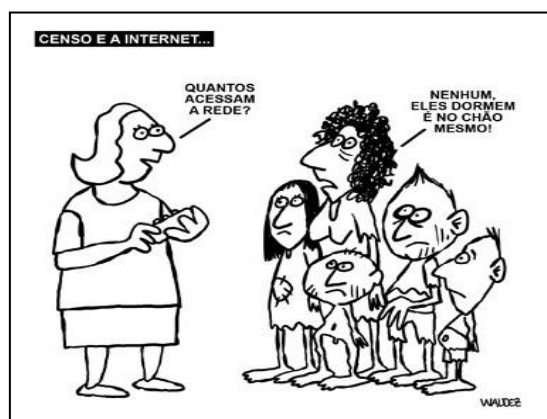


Fonte: <http://verbagem.blogspot.com/2009/06/7-grao.html?m=1>

Na charge acima, ao analisar a oração proferida pelo esposo “Foi um candidato “ficha suja” que me abraçou...”, a priori, entende-se que o candidato, realmente, em seu aspecto físico é sujo dispondo da coloração preta. Contudo, a expressão *ficha suja* é o motivo do humor em questão. Se fizermos uma interpretação mais detalhada, entenderemos que o personagem está sujo para que seja concretizado o objetivo do efeito humorístico associado ao sentido denotativo do substantivo *sujo*.

Nesse sentido, há a constituição de uma ambiguidade lexical provocada pela expressão *ficha-suja*. *Ficha-suja* de acordo com o entendimento geral é o oposto ao candidato ficha-limpa, conforme previsto na legislação eleitoral. Assim, *ficha-suja* refere-se àqueles candidatos que são inelegíveis. Desse modo, há o reforço de uma crítica em relação a política, uma vez que o político pertencente a *ficha-suja* não é um cidadão honesto e compromissado com a sociedade. A seguir, será analisada a charge 4.

Charge 4



Fonte: <http://gentedemidia.blogspot.com/2010/08/charges-as-respostas-do-br-ao-censo.html?m=1>

O período em que a charge acima foi produzida condiz com uma época de recenseamento da população brasileira. A pergunta feita pela suposta agente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE refere-se a rede mundial de computadores, ou seja, a internet. No entanto, a chefe da família inquirida responde no sentido de que nenhum de seus filhos dormem em uma rede, tendo em vista que a palavra rede no contexto em que ela vivem designa um meio para dormir.

A ambiguidade é causada pelo item lexical *rede*. O tema da charge Censo e a internet sugere que pergunta a ser feita é relativa ao acesso à internet. Contudo, a palavra *rede*, nesse contexto, não é conhecida pela entrevistada. Por isso, a mãe responde Nenhum. Eles dormem é no chão mesmo.

Por outro lado, há uma crítica em relação às minorias, uma vez que a classe desfavorecida social e economicamente não têm acesso a tecnologias, muito menos a uma moradia digna. Portanto, o chargista elaborou esta charge com o intuito de mostrar que o censo realiza perguntas além da realidade da população, ou seja, não pertencente a vivência. Na próxima charge 5 também será analisada a ambiguidade.

Charge 5



Fonte: <https://descomplica.com.br/blog/portugues/lista-ambiguidade-polissemia/>

Na charge acima, a personagem está com uma placa escrito “vendo pôr do sol”. Ao chegar, o indivíduo entende que ela está “vendendo” o pôr do sol. Nessa perspectiva, a charge foi construída na intenção de além do humor, destacar a duplicidade de sentidos da palavra “vendo”.

No primeiro uso, o termo “*vendo*” é proveniente do verbo “*ver*”, enquanto no segundo uso refere-se ao verbo vender. Conforme Ferreira (2010) o verbo ver corresponde a “Avistar, assistir a, presenciar”. Ainda conforme o lexicógrafo citado o verbo vender significa “Alienar ou ceder por certo preço. Negociar com. Não ceder gratuitamente”.

Nesse caso, há a presença de ambiguidade lexical do termo “*vendo*” gerada pela homonímia. Conforme Cançado (2012) há homonímia porque não há relação entre os sentidos de uma palavra ambígua. Trata-se homônimos perfeitos em que a grafia e o som são os mesmos. Na próxima charge também será analisada a ambiguidade.

Charge 6



Fonte: <http://analisedecharges.blogspot.com/2010/03/analise-de-charge-sobre-uso-de.html>

A charge acima é composta por uma fila de homens que estão sendo direcionados a placa com a seguinte informação Precisa-se de homens-bomba. O efeito humorístico é provocado pelo item lexical *bomba*. Observando-se apenas a linguagem não verbal entende-se que há necessidade de homens-bomba, ou seja, homens que se habilitem a morrerem por questões políticas e religiosas. Isso é possível ao analisar os dois primeiros indivíduos da fila, uma vez que suas aparências são de árabes-mulçumanos. A divergência da charge encontra-se no terceiro homem, haja vista que sua exterioridade corporal é musculosa, cujo sentido pejorativo seria *bombado*.

Nessa vertente, há ambiguidade lexical por polissemia. O substantivo *bomba* no sentido denotativo significa material explosivo. Por outro lado, observando-se a imagem do terceiro indivíduo, essa mesma palavra possui o sentido conotativo de *pessoa bombada ou musculosa*. Na próxima seção serão analisadas charges referentes a polissemia.

4.2 Polissemia

Nesta seção, haverá a investigação da Polissemia que pode ocorrer por meio de diferentes estudos. Analisaremos a Polissemia a partir de uma perspectiva semântica, tendo como base três passos explicitados no referencial teórico: 1) **Mudanças de aplicação**; 2) **Especialização num meio social** e 3) **Linguagem Figurada**. Observe a charge 7 abaixo:

Charge 7



Fonte: <https://www.tribunaribeirao.com.br/site/charge-3-de-abril-de-2018/>

Ao dizer: “Ei! Meus ovinhos da Páscoa!”, nota-se a presença de sentidos diferentes para o mesmo substantivo, “Ovinhos”. Nesse caso, a locução adjetiva “Da Páscoa” proporcionou mudança de aplicação do termo em destaque. O significado da palavra “Ovo” segundo Ferreira (2010) remete a “estrutura reprodutiva produzida por fêmeas de insetos aves, reptéis, peixes, etc, capaz de dar origem a um novo indivíduo”. Nesse caso, esse novo indivíduo refere-se ao mosquito *Aedes Aegypti*. A postura do sujeito que retira a água acumulada no pneu e na garrafa vazia remete ao sentido denotativo, observadas as consequências doentias que podem ser provocadas.

Por outro lado, a locução adjetiva “Da Páscoa” foi utilizada, conforme a fala emitida pelo mosquito, no sentido conotativo, uma vez que na época do ano em que se comemora a Páscoa, um de seus símbolos é o ovo de páscoa. Assim, conforme Ullmann (1964), houve uma mudança de aplicação. E havendo uma enorme distância de sentidos, considera-se a existência de significados diferentes dentro de um mesmo termo. Na charge 8 a seguir, observa-se outro uso da polissemia.

Charge 8



Fonte: <http://letrasambiguas.blogspot.com/2012/11/recursos-da-ambiguidade.html?m=1>

Na charge acima, há uma crítica direcionada ao uso de redes sociais. O quadro mostra um grupo de pessoas desfavorecidas economicamente que se acomodam dentro de uma rede de dormir. Rede social designa um sentido diferente de rede de dormir, entretanto ambos são correlatos. Por isso, trata-se de uma palavra polissêmica. Conforme Sacconi (1986), essa possui vários significados que podem ser explicados dentro de um contexto.

Nesse caso, rede possui duas significações diferentes conforme o contexto situacional. Trata-se de uma palavra polissêmica porque ainda há relação entre elas. Todos remetem ao sentido base. Segundo Guiraud (1986) o sentido base da palavra rede é o de um objeto/instrumento que interliga pessoas, estabelece conexão entre dois objetos. Na charge 9 a seguir, observa-se outro uso da polissemia.

Charge 9



Fonte: <https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-15-01-2019-1.2090798>

A palavra polissêmica na charge acima é “manipulação”. Há polissemia porque segundo Barros (1985) ocorre um só significante com vários significados. Em outros termos, a mesma palavra é dotada de vários significados que dependem sempre do contexto. Segundo

Ferreira (2010) manipular significa “Preparar com a mão. Preparar medicamentos com corpos simples. Fazer funcionar. Dominar. Controlar”.

Assim, a charge produz humor. Quando o farmacêutico diz “E quem te passou essa fórmula de ‘Fake News?’” e o paciente responde “Baixei pela internet”, nota-se que houve o uso da linguagem figurada conforme Ullmann (1964) e esta contribuiu para a instituição da polissemia. A expressão “Fake News” é recente na sociedade atual e refere-se a informações falsas sobre algo ou alguém. Por isso, a construção da charge foi proposital. No sentido de indicar que a manipulação ocorreu por meio de uma receita falsa. A próxima charge 10 também apresenta polissemia.

Charge 10



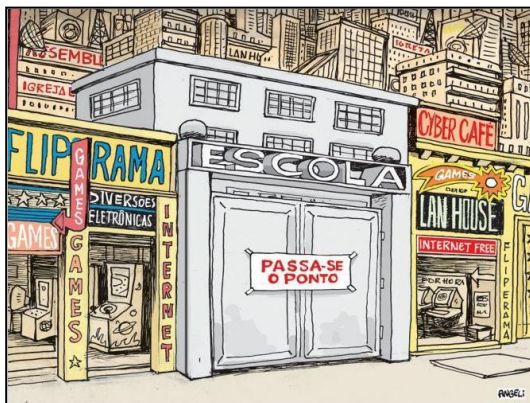
Fonte: <https://ndonline.com.br/charges?ano=2017&page=5&mes=08>

Na charge, a ênfase recai sobre a palavra “bomba”. Observe que na imagem a mãe de Bin Laden faz recordação de seu filho ao olhar a foto na estante. Segundo ela, Bin nunca levou bomba na escola, haja vista que era uma criança muito boa. O humor da charge consiste nos sentidos polissêmicos do substantivo bomba. Ao referir-se ao contexto escolar o sentido é de notas baixas. Segundo Ferreira (2010), nesse sentido, a palavra bomba significa reprovação em exame. Contudo, ao conhecermos a história do terrorista supracitado que foi o principal responsável pelo ataque de 11 de setembro de 2001 das Torres Gêmeas, entendemos que há a utilização da conotação pejorativa. Observando-se esse uso, segundo Ferreira (2010), bomba refere-se a um projétil ou artefato explosivo.

Nesse sentido, há, segundo Ullmann (1964) especialização em um meio social. Ao afirmar “Era uma criança muito boa, nunca levou bomba na escola!”, o sentido é de que as notas de um aluno são ruins, ou seja, dentro do contexto escolar será entendido como médias baixas, mas no contexto de terroristas será compreendido como munições. Dessa forma, ao

associar essa oração a imagem de Bin Laden, certamente, a charge, propositalmente, foi produzida no intuito de humorizar. A próxima charge 11 também apresenta polissemia.

Charge 11



Fonte: <http://midiadeluta.blogspot.com/2009/04/charge-passa-se-o-ponto.html>

Nesta charge, ao observar o quadro completo nota-se que o ambiente retrata uma avenida comercial. Entre as lojas encontra-se o prédio de uma escola com a placa “passa-se o ponto”. Se o trecho “passa-se o ponto” fosse lido sem que se observasse o restante dos elementos constituintes da imagem, certamente, a frase ficaria ambígua.

Contudo, ao analisar o contexto educacional brasileiro, entende-se que a escola está fechada e o seu local físico está disponível para que outra pessoa o assuma. Segundo Ullmann (1964) a palavra “ponto” é um exemplo de polissemia. No sentido em questão compreendemos que o “ponto” relaciona-se a um local físico, entretanto, este substantivo também poderia se referir segundo Ferreira (2010) a “Picada com a agulha que se enfia em tecido, couro, etc. Livro, cartão de registro de entrada e saída diária de empregados. Em exames ou concursos, a matéria tirada à sorte para sobre ela discorrer o aluno ou candidato.” A charge12 a seguir refere-se a polissemia.

Charge 12



Fonte: <https://ndonline.com.br/charges?page=3>

A charge 12 apresenta polissemia na palavra cuidando. A expressão quando proferida pelo motorista do carro denota que o ciclista está andando de bicicleta por esporte. No entanto, a resposta do ciclista no segundo balão corrobora a ideia de que o combustível utilizado para abastecer carro está caro. Nessa perspectiva, houve mudança de aplicação. Os contextos da palavra são diferentes. O primeiro uso refere-se a um ato de saúde, já o segundo uso pertence a um ato de economia. Entretanto, ambas as palavras possuem o mesmo sentidos, que é o de cuidar de algo.

Houve, segundo Ulmman (1964) uma mudança de aplicação, já que ambas as palavras pertencem a contextos diferentes. O sentido é o mesmo, pois no primeiro uso, cuidar, de acordo com Ferreira (2010) significa “Tratar de, zelar por, ter cuidado” ou “Prevenir-se. Ter cuidado consigo mesmo”. No próximo tópico será analisado o fenômeno da homonímia.

4.3 Homonímia

Nesta seção serão apresentadas as análises das charges com base em estudos sobre a homonímia. Para Sacconi (1986), a Homonímia é "Particularidade de duas ou mais palavras possuírem identidade de sons ou de forma, mas diversidade de significado". A charge 13 a seguir refere-se a homonímia.

Charge 13



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/mario/aumento-aos-procuradores/>

O humor da charge está presente no substantivo “Procuradores” identificado na primeira oração e na segunda. O primeiro uso dessa expressão refere-se a um funcionário da Justiça, o Procurador. Enquanto o segundo uso diz respeito a um indivíduo que está procurando por emprego. Conforme Houaiss (2001) o termo “procurador” classificado como adjetivo significa “Que ou aquele que procura algo. Indivíduo que possui procuração para resolver ou administrar negócios de outrem. Advogado do Estado”. Já o verbo “procurar” refere-se a “Executar ações necessárias para tentar encontrar algo. Tentar conseguir, ir atrás de”. No primeiro balão, “procuradores”, é substantivo faz referência a um funcionário da justiça, servidor público. Enquanto no segundo balão essa mesma palavra é classificada morfologicamente como adjetivo, pois caracteriza um grupo de pessoas que procuram por um emprego. A charge a seguir também possui exemplo de homonímia.

Charge 14



Fonte: <http://jleitores.blogspot.com/2013/09/homonimos-e-paronimos.html>

Na charge acima, o humor da charge consiste na confusão do termo “paciente”. Esta é uma palavra homônima. Isso ocorre, conforme Sacconi (1986) porque se trata de um homônimo perfeito, ou seja, possui escritas iguais e mesma pronúncia, porém com sentidos diferentes. Na oração presente na charge acima “Calma, já vai acabar. Como paciente, seja paciente.”, o primeiro uso da palavra *paciente* provém do adjetivo *paciente*, enquanto o segundo uso tem origem no substantivo *paciência*. Nesse sentido, são palavras que denotam sentidos e origens diferentes.

Segundo Houaiss (2001) o adjetivo *paciente* refere-se àquele “Que tem paciência, sereno, conformado. Que sabe esperar, calmo. Indivíduo que está sob os cuidados médicos”. Contudo, o termo *paciência* consoante Houaiss (2001) é substantivo e diz respeito a “Qualidade do que é paciente. Virtude que consiste em suportar os dissabores”. Portanto, houve uma crítica baseada no termo “paciente”. A charge 15 a seguir refere-se a homonímia.

Charge 15



Fonte: <https://linguadinamica.wordpress.com/2018/08/01/sequencia-didatica-figuras-de-linguagem-polissemia-e-homonimia/>

Na charge, há uma confusão de entendimento pelo filho com relação ao significado da palavra “*porca*”. Ela é a causadora do humor. Esta, ao compararmos com a imagem de uma porca (animal) no segundo quadrinho apresenta homonímia. Ambos os termos podem provocar confusão quando não se sabe a diferença entre eles. Consoante Barros (1985) trata-se de um homônimo-homógrafo, pois há igualdade na pronúncia e na escrita, porém há diferença no significado. Segundo o Ferreira (2010) “porca” é um substantivo e se refere a “Fêmea do porco. Peça de ferro com furo em espiral, que se atarraxa na extremidade do parafuso”. No uso acima, entende-se que a palavra *porca* representa uma homonímia e não uma polissemia porque não há relação de sentido entre elas. A charge a seguir apresenta mais um exemplo.

Charge 16



Fonte: <https://enem.estuda.com/questoes/?resolver=&prova=617&q=&inicio=11&q=&cat=&dificuldade=>

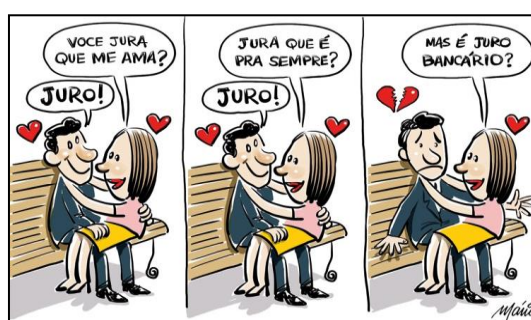
A charge constitui humor ao se observar a grafia das palavras “*acento*” e “*assento*”. Ao perguntar “*Doi?*” a resposta é “*Com assento e sem acento...*”. Faz-se desse modo tendo em vista que o objetivo principal é provocar ambiguidade através da homonímia dessas duas palavras. Pois, pode-se entender que o personagem no sofá sente dor ao se sentar e, ao mesmo tempo, observando-se a ênfase dada na diferença de escrita desses termos poderíamos compreender que há uma crítica feita no que concerne a escrita dos vocábulos. A charge 17 a seguir refere-se a homonímia.



Fonte: <http://lucileneolson.blogspot.com/2011/02/palavras-homonimas-e-paronims.html>

O humor da charge consiste na explicação das diferentes escritas da palavra “Cesta”. Encontramos homonímia ao observarmos que se trata de vocábulos grafados de maneiras diferentes, sons iguais e conceitos distintos, conforme Barros (1985), refere-se a homônimos homógrafos. De acordo com o Ferreira (2010) “Cesta” possui três significados. O primeiro deles, *cesta*, é o “Receptáculo feito de verga, fibra, etc, entrançada, para guarda ou transporte de coisas”. O segundo, *sesta*, diz respeito ao “Hora de descanso depois do almoço”. O terceiro, *sexta*, refere-se ao “Sexto dia da semana começada no domingo”. A charge 18 a seguir refere-se a homonímia.

Charge 18

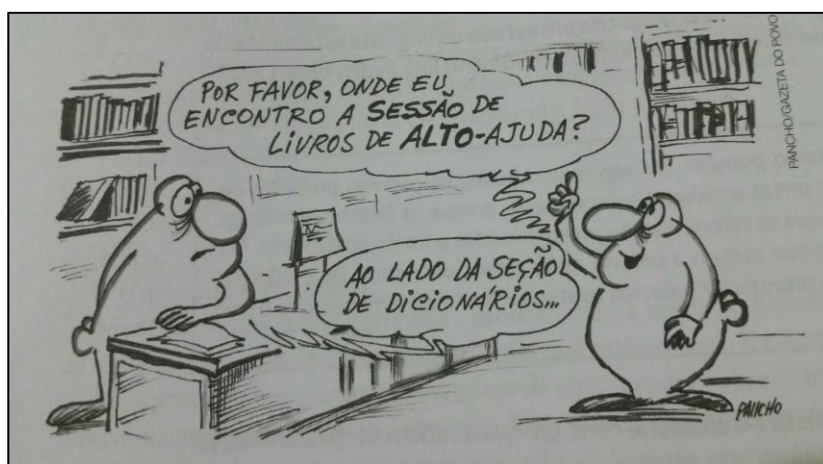


Fonte: <https://jfclipping.com.br/2018/03/09/a-charge-do-mario-09-03-2018/>

O termo “juro” na charge acima remete a significados distintos. Segundo Barros (1985) trata-se homófonos-homógrafos, também chamados de homônimos perfeitos, pois são iguais tanto na escrita quanto na pronúncia, porém possuem conceitos diferentes. Na charge acima, o primeiro uso, “Juro!”, é relativo ao verbo jurar. Conforme o Dicionário Aurélio (2010) o verbo “Jurar” corresponde a “Afirmar sob juramento. Invocar chamar. Afirmar

categoricamente, afiançar. Fazer juramento. Prestar ou proferir juramento.” No caso da charge acima, “Você jura que me ama?” “- Juro!”, “- Juro!” faz referência a afirmar sob juramento. Entretanto, quando a moça pergunta “Mas é juro bancário?”, o termo “Juro” faz jus ao substantivo “Juro”. Este, conforme Ferreira (2010) quer dizer “Importância cobrada pelo empréstimo de dinheiro. Rendimento, interesse”. Há homonímia da charge 19 a seguir.

Charge 19



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/15040582>

Nesta charge, os substantivos “Sessão” e “Seção” são palavras homônimas-homófonas, pois conforme Barros (1985) possuem grafias e significados diferentes, mas sons iguais. De acordo com Ferreira (2010) o termo “Sessão” significa “Espaço de tempo que dura a reunião dum corpo deliberativo, etc. Espaço de tempo durante o qual funciona um congresso. Cada uma das exhibições de espetáculo, nos teatros, cinemas, circos”. Já a palavra “Seção” diz respeito ao “Ato ou efeito de seccionar-se. Parte dum todo, segmento. Linha ou superfície divisória. Divisão ou subdivisão de obra, tratado, etc.”

O humor da charge consiste no equívoco na escrita da palavra seção. De acordo com o ambiente em que se passa, o correto seria escrever seção com “ç”, pois o objetivo de quem pergunta é descobrir a linha divisória da estante em que se encontra na biblioteca

contendo os livros de autoajuda. Esta palavra também contribui para a construção crítica do texto, pois está escrita de forma incorreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consiste em estudos semânticos. Teve como finalidade se fazer compreender que os sentidos presentes nas charges podem ser interpretados com base no conhecimento dos processos semânticos estudados: ambiguidade, polissemia e homonímia. Além disso, vale ressaltar que as causas de interpretações errôneas, muitas vezes, têm influência do desconhecimento do contexto por parte do ouvinte/leitor.

Os objetivos específicos deste trabalho voltados para a descrição de palavras que apresentam polissemia, homonímia e ambiguidade na charge, análise do uso dessas palavras na construção de enunciados presentes na linguagem do gênero textual em questão e explicação da contextualização da frase e compreensão de sentidos foram alcançados e contemplaram o objetivo geral “estudar os processos semânticos de ambiguidade, polissemia e homonímia como fenômenos da Língua Portuguesa a fim de descrevê-los, analisá-los e interpretá-los semântica e linguisticamente”.

Além disso, as perguntas do trabalho foram respondidas. Compreendemos que os estudos da polissemia, homonímia e ambiguidade podem contribuir para a resolução de problemas relacionados à interpretação do gênero textual charge, uma vez que as charges são construídas, propositalmente, a fim de provocar o humor e realizar críticas. A pergunta “Qual é a relevância de se compreender esses processos?” também foi respondida, haja vista que esses processos são responsáveis por produzir os sentidos das palavras.

Por conseguinte, houve dificuldades em relação à coleta de dados. Por mais que fosse verificada a produção de charges de forma intencional, objetivando a utilização dos processos semânticos como meio para a construção crítica sobre assuntos políticos e cotidianos pelo chargista, nem sempre era possível encontrar com facilidade o tema estudado. Por isso as pesquisas levaram tempo.

Os estudos foram significativos, haja vista que a semântica é primordial para a compreensão do gênero textual charge. É interessante sinalizar que a devida interpretação de uma charge só ocorre por meio do conhecimento dos processos semânticos e de seu contexto histórico, social, cultural e expressivo. A construção de sentidos é realizada pelo leitor com o auxílio de sua “bagagem”, seja ela sistematizada pela escola ou não.

As limitações ocorreram nos sentidos de se analisar a ambiguidade, polissemia e homonímia na charge, por isso foi imprescindível o estudo das origens desses processos. Além disso, houve dificuldade na diferenciação entre polissemia e homonímia, uma vez que não há muita discrepância entre elas. Ambas são bem próximas e similares.

Nessa perspectiva, esperamos que este trabalho possa contribuir para pesquisas posteriores, já que as análises foram realizadas tendo como norte o embasamento teórico fundamentando-se em autores que efetuaram estudos comprovados na linguística e na histórica sobre os assuntos abordados neste trabalho.

As reflexões que podem ser tiradas deste estudo são: a língua está em constante evolução como ratificado pelos autores citados durante a construção deste trabalho. Nesse sentido, a interpretação de cada charge deve estar em sincronia com o contexto em que foi produzida, além de se levar em consideração autor e local.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, E. M. de. **Nova Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1985.

BORBA, F. S. **Introdução aos Estudos Linguísticos: Semântica**. São Paulo: Pontes, 12 ed. 2005.

CAMARA Jr., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CANÇADO, M. **Manual de Semântica: Implicações**. Belo Horizonte: UFMG, 2008[2012].

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

CORREIA, Margarita. **Homonímia e polissemia - contributos para a delimitação dos conceitos**. Lisboa: Palavras, n.º 19: Associação dos Professores de Português, pp. 57-75.

DUBOIS, Jean (et al). **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2001.

FERREIRA, A. B de H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010, 90 p.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUIRAUD, P. A Significação: o processo semântico. In:_____. **A Semântica**. 3. ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Difusão Editorial, 1986.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, I. V. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014

MARCUSCHI, L. A. Noção de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo. In:_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008, 296p.

MOUCO. M. A. T. **Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica**. Disponível em:
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1104-4.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2018>.

SACCONI, L. A. Nova Gramática - Teoria e Prática. São Paulo: Atual, 1986.

SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. 26. ed. São Paulo: Cultrix, [1916]2004.

SILVA, N. R. M. **A ambiguidade lexical no gênero textual charge: polissemia e homonímia**. Campina Grande (PB): Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, 2016, 23 p. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

ULLMANN, S. Capítulo VII – Ambiguidade. In:_____. **Semântica: Uma introdução a ciência do significado**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

PASCHOALIN, M, P; SPADOTO, N. T. **Gramática: teoria e exercícios**. Ed renovada. São Paulo – Rio de Janeiro: FTD, 2008.